



# DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea  
Lua Cheia, Agosto de 2013, nº 169



## A Mulher Aranha e a Mulher Pensamento



Mirella Faur

**N**as tradições feministas e neo-pagãs a teia da aranha é um símbolo da Deusa Criadora da Vida. Arquétipos das Deusas Tecelãs existem nas várias culturas do mundo, desde a Índia, Egito, Grécia, os países celtas e nórdicos, bem como aparecem nos mitos de várias tribos nativas norte-americanas, que as definem como “Criadoras da Vida” e “Grandes Mestras”. A lenda da Mulher Aranha é oriunda do período pré-colombiano e vestígios dos seus mitos são encontrados na civilização maia, olmeca e pré-tolteca. A Grande Deusa de Teotihuacan no México, cultuada em forma de aranha desde 200 a.C. até o século VIII, era regente do mundo subterrâneo e da escuridão, da água e terra, da criação e destruição pela guerra. Uma versão mais tardia dela era Coatlicue, a deusa asteca que criou o sol e as estrelas, mas também era regente da morte; como padroeira das mulheres

que morriam no parto, ela cortava os fios que as ligavam à teia da vida. Nas suas representações, esta Grande Deusa aparece com aranhas presas nas suas vestes ou com escudos decorados com teias de aranha, sugerindo sua relação tanto com a vida, quanto com a guerra e a morte.



Durante séculos, *A Mulher Aranha* era reverenciada como a Criadora e apenas nos últimos tempos, pelas pressões e imposições religiosas e culturais patriarcais, a Criadora foi substituída por um criador. Observamos isso no mito hopi que descreve a criação do mundo pelo deus solar *Tawa*, tendo a Mulher Aranha como a sua auxiliar. Antigamente a sociedade hopi era matrilinear e a Natureza era representada pela Mãe Terra e A Mulher do Milho. O princípio materno era simbolizado pelo *sipapu*, o orifício no chão da *kiva*, a câmara subterrânea cerimonial equivalente ao útero feminino e por onde saíram os primeiros seres humanos do mundo subterrâneo. A imagem da humanidade emergindo do ventre da Mãe Terra reforça a teoria da criação partindo de um útero feminino, os humanos evoluindo gradativamente fortalecidos pela luz solar, assim como acontece com as

crianças. Apesar deste conceito mítico originário, as funções religiosas, sagradas e cerimoniais nas comunidades Hopi, passaram a ser desempenhadas pelos homens, o que levou à redação alternativa do mito do Criador em lugar do conceito ancestral da

originário, as funções religiosas, sagradas e cerimoniais nas comunidades Hopi, passaram a ser desempenhadas pelos homens, o que levou à redação alternativa do mito do Criador em lugar do conceito ancestral da Criadora.

No mito hopi aparecem dois seres divinos: *Tawa*, o deus Sol, que detinha todos os poderes e mistérios celestes e *Kokyanwuhti*, A Mulher Aranha, a deusa da terra, que controlava a magia do mundo subterrâneo. Não existiam animais, nem plantas, nem seres humanos. Num dado momento *Tawa* se dividiu e apareceu *Muiyinwuh*, deus de todas as formas de vida, enquanto A Mulher Aranha se duplicou e gerou *Huzruiwuhti*, a deusa regente de todas as pedras e metais, que se tornou consorte de *Tawa*. Eles formaram o primeiro casal e da união deles nasceram os "Gêmeos mágicos", seguidos dos Seis Guardiões das direções (as quatro cardeais, acima e abaixo), o Homem Águia, a Serpente Emplumada e muitos outros seres sobrenaturais. Somente *Masauwhu*, o Deus da Morte, apareceu no final. *Tawa* declarou ser a Luz e o Pai de tudo o que iria aparecer, enquanto A Mulher Aranha afirmou que ela iria receber a luz e nutrir a vida por ser a Mãe de tudo o que iria nascer. Juntos eles iniciaram a criação; enquanto *Tawa* percebia seus pensamentos como figuras que se moviam, A Mulher Aranha as modelava em argila, mas elas eram inanimadas. Para que adquirissem espírito, os criadores colocaram uma manta felpuda - como se fosse tecida de nuvens - sobre as figuras e começaram a entoar encantamentos mágicos. *Tawa* idealizou que elas assumissem formas masculinas e femininas e A Mulher Aranha modelou suas características físicas diferenciadas.

No entanto, elas permaneciam quietas e imóveis embaixo da manta, até que A Mulher Aranha decidiu pegá-las nos seus braços e niná-las, enquanto *Tawa* fixou sobre elas seu olhar de fogo. Ambos os criadores começaram a entoar "a canção da vida" sobre os recém-modelados seres humanos, até que aos poucos eles começaram a se mexer. *Tawa* declarou que ele iria verter a sua luz sobre eles ao longo do dia, enquanto A Mulher Aranha iria vigiá-los durante a noite enviando-lhes sonhos e mensagens. *Tawa* fez aparecer uma terra acima do oceano infinito e A Mulher Aranha separou os seres humanos em grupos (os clãs das tribos nativas), conduzindo-os depois para as quatro grandes cavernas do mundo subterrâneo. De lá saíram por uma abertura (*sipapu*) entre as rochas para o rio Colorado e depois seguiram para os lugares onde iriam morar.

Para cada um dos clãs A Mulher Aranha escolheu um animal como guardião e totem: puma, antílope, serpente, cervo, entre outros. Depois A Mulher Aranha lhes deu os ensinamentos de como conduzir suas vidas: as mulheres iriam construir com barro as moradas e cuidar do bom relacionamento das famílias; elas iriam modelar com argila as vasilhas para água e comida, cuidar e ensinar as crianças e seus descendentes iriam levar os seus nomes. Os homens iriam construir *kivas* de pedras embaixo da terra, fazer os altares e desenhos com areias coloridas, tecer as mantas dos clãs com os símbolos adequados, confeccionar armas, caçar e proteger as suas famílias. Os últimos ensinamentos dados pela Mulher Aranha foram sobre as forças da natureza



chuva, calor, vento, arco-íris, que não deviam ser temidas, mas acolhidas e reverenciadas. Antes de desaparecer mergulhando nas areias coloridas, A Mulher Aranha revelou toda a sua beleza: ela vestia uma túnica branca sobre uma saia azul bordada com flores e espigas, com desenhos geométricos amarelos, vermelhos, marrons e pretos. Ela usava mocassins de camurça branca e um enorme colar e brincos de turquesas, coral e conchas. Seu rosto era reluzente e bondoso e, em sua voz melodiosa, ela disse aos seres humanos recém-criados para procurar sempre a sua ajuda e a de *Tawa*, respeitar os seres da criação e seus irmãos, honrar o céu e a terra.

A Mulher Pensamento - *Ts'its'naku*, *Sussistinaku* ou *Tse che nako* - é a deusa principal dos índios *keres*, que se consideram um povo muito antigo, originários de uma ilha que desapareceu devido às inundações. Pesquisadores acreditam que esta ilha pode ter sido o continente perdido de *Atlântida*. Suas terras atuais se encontram no oeste e no centro do estado de Novo México e incluem planaltos, formações vulcânicas, rochedos, cânions, riachos e o Monte Taylor, chamado por eles de "A mulher envolta em nuvens". Seus pueblos mais importantes são Laguna e Acoma, que foram ocupados pelos espanhóis; o catolicismo por eles imposto foi se espalhando, firmando e sobrepondo às tradições nativas, que estão cada vez menos ensinadas, seguidas e respeitadas.

A Mulher Pensamento é a tecelã responsável pela criação e

manutenção do universo, fiando e tecendo continuamente a vida. No começo dos tempos ela morava num espaço que lhe pertencia, que não era nem frio, nem quente, nem claro, nem escuro, mas nele existia o poder cristalino e vibrante do vazio. Este poder era do pensamento claro, dos sonhos criativos, sem forma, nem movimento, mas que vibravam como um som contínuo, completo e belo. O som aparecia na sua frente como se fossem ondas e fios, que se tornavam cada vez mais fortes e assumiam formas e vida. Ela criou o mundo com seus pensamentos, primeiro, o sol, a lua e as estrelas, depois com seus cantos surgiram as irmãs divinas Nau'ts'ity e Ic'sts'ity (ou Naotsete e Uretsete), que a auxiliaram a criar mares, rios, plantas, animais, minerais, os katchinas ou kachinas (personificações espirituais dos elementos da natureza, lugares, ancestrais), as artes e ciências e os povos. À medida que ela ia pensando, novas ondas e fios apareciam que geravam outras formas de vida, primeiro as direções cardinais, depois o mistério da vida de inúmeras criaturas e seres vivos. Murmurando e cantando, ela continuava a pensar e o poder se manifestava em toda a parte, até que outros sons e canções passaram a ser ouvidos à medida que a criação se manifestava. Ic'sts'ity entoava o som way-a hijo, way-a-hijo sem parar e globos de luz começaram a se formar ao seu redor configurando uma enorme espiral de estrelas, que também cantavam e vibravam. Nau'ts'ity cantava seus próprios sons aam-i-humm, humm, aam-i-humm, humm, humm, aam-i-o, o, o, aam-i-o, o, o, aam-i-o e novos globos de luz surgiam e dançando e vibrando formaram os planetas. O poder girava, cantava e dançava até se expandir aos confins do universo. A Criadora olhou sua obra, sorriu para suas filhas e cada uma delas passou a cuidar e criar novos mundos e seres, preenchendo todo o universo com inúmeros níveis e planos de criação.

A Mulher Pensamento não restringiu o processo de criação a si própria, mas também concedeu o poder de criar pelos pensamentos a todos os seres humanos. Por ser uma entidade poderosa, fértil e dinâmica, que continha todas as possibilidades de vida dentro de si, abrangia tanto o aspecto feminino quanto o masculino, mas ela era vista pelos seres como a Mãe de Todos, que estava sempre pronta para ajudar seus descendentes.

O seu aspecto leigo chamado de Mulher Aranha ou Kokyang Wuhti é cultuada pelos índios hopi como uma múltipla manifestação da divindade, que aparece como mulher, jovem ou velha, ou na forma de uma aranha. Ela criou as

quatro direções, o sol, a lua e as estrelas, trazendo assim a luz ao mundo. Usando pedaços de turquesa, argila vermelha, pedras amarelas e cristais ela modelou as montanhas, oceanos e desertos. Mas quando viu a terra vazia e silenciosa, decidiu criar os seres vivos, a partir da terra e de si mesma, molhando um punhado de terra com sua saliva. Assim ela foi criando plantas, animais e finalmente os primeiros seres; depois de cobri-los com uma capa tecida com fios de sabedoria, conhecimento e amor, ela passou a niná-los e os ligou com fios sutis a ela mesma. Cantando com suavidade e amor maternal sobre eles, nasceram dois pares de gêmeos masculinos, que ela ensinou a preparar o mundo para receber os humanos, fazendo-o alegre, belo e rico com sons e cores. Com a sua criatividade sábia ela usou quatro cores diferentes de argila e delas modelou quatro seres femininos, para se acasalarem com os gêmeos e assim criarem a população do mundo.

A Mulher Aranha possui poderes divinos e sabedoria ilimitada, sabe todas as linguagens e tem acesso ao futuro.

Ela é uma guardiã zelando pela proteção e bem estar daqueles que dela necessitam. Por sua associação com a terra na qual vive, ela tem as características de uma deusa da terra, é velha como o tempo e jovem como a eternidade. A Aranha Avó ensinou os homens a fazerem objetos de argila e as mulheres a tecerem; foi ela quem instruiu os hopis a venerar os deuses e ela protege as pessoas com sua teia. Porém, a Mulher Aranha tem também um lado escuro e destrutivo, que se manifesta ao capturar, aprisionar, matar e devorar seres indefesos.

A Mulher Aranha aparece nos mitos da maior parte dos pueblos, existindo nas cerimônias dos zuni e hopi, bem como nos vizinhos navajos ou diné, em cujo mito da criação foi ela quem teceu a teia da vida, ensinou o "caminho da beleza" e o equilíbrio entre corpo, mente e espírito.



Os navajos são emigrantes recentes no Sudoeste americano, considerados um povo nômade originário do Canadá, mas que veio da Mongólia atravessando o Estreito de Bering, o que explica suas características diferentes de linguagem, aparência e conceitos místicos. Os navajos se consideram descendentes dos Anasazi—um povo misterioso e desaparecido— cujas estranhas edificações encastoadas nos rochedos - Cliff dwellings – podem ainda serem vistas e admiradas em Arizona nos parques nacionais. No mito diné da criação existiam quatro mundos: o primeiro mundo era preto e

representava o começo do tempo, tendo apenas terra, ar, água. Nele o Grande Espírito criou os corpos sutis dos seres humanos. No segundo mundo, azul, existia água, ar, terra, os mamíferos e onde nasceram a Mulher e o Homem Aranha. Houve um tempo de escassez severa e assim decidiram-se deixar este mundo. O primeiro homem fez um cajado com turquesa, madrepérola e ônix que foi levado para fazer uma abertura no sul para o terceiro mundo. No terceiro mundo, amarelo, foram criados os desertos, as montanhas e grandes rios cruzando de leste a oeste e de norte a sul. O quarto mundo, branco e chamado de "cintilante" foi o lar dos seres humanos, que receberam seus invólucros físicos em um lugar chamado Diné tah, considerado o centro do mundo. Este local é sagrado para os diné e é localizado na região de Canyon de Chelly, onde existem várias inscrições rupestres em forma de círculos, suásticas (símbolos solares) e uma pedra enorme chamada Spider Rock, a "pedra da aranha".

A lenda navajo conta que esta pedra era a morada de um ser mítico chamado "A Velha Tarântula" ou a "Mulher Aranha". Para evitar que as crianças subissem sobre ela, as mães diné assustavam seus filhos contando que os cristais de quartzo branco que brilhavam sobre a pedra eram os ossos de crianças desobedientes comidas pela aranha. Outra lenda relata a história de uma moça pueblo que se sentia muito sozinha entre os navajos e que foi caminhar muito triste no deserto. Lá ela observou uma fumaça tênue subindo de uma abertura no chão e espiando pelo buraco viu a Mulher Aranha tecendo uma coberta. A velha gostou da moça e, condoída com a sua solidão, a ensinou tecer dizendo-lhe para ensinar esta arte às outras mulheres e assim nunca mais iria ficar só. Para lembrar Aquela quem lhes ensinou esta arte, as tecelãs deviam deixar um buraco pequeno num canto das suas tecelagens.

As irmãs criadas pela Mulher Aranha são conhecidas no panteão navajo como "A Mulher que muda" e "A Mulher Concha Branca", que geraram os "Gêmeos Sagrados", conhecidos por vários nomes, enquanto os personagens míticos "a Mulher e o Homem Aranha" ensinaram os homens como usar a terra para fazer vasilhas e os fios e a lã para tecer. Nas vasilhas de barro, nas cestas e nas cobertas tecidas, é comum encontrar desenhos em forma de quadrados e linhas entrelaçadas, lembrando os quatro mundos. As tapeçarias e tapetes navajos têm motivos em forma de cruz, que simboliza a união das quatro direções e dos quatro elementos, o quinto elemento sendo a força da unificação, o mistério do centro. O "caminho da beleza" expresso em poemas e orações ensina como se movimentar

com equilíbrio e graça através dos círculos da nossa vida e relações

Os cherokee – descendentes dos iroqueses que vivem nos Smoky Montains do estado de Carolina, honram como elementos míticos o fogo sagrado e a "dança do Sol". Este ritual, que se espalhou para as outras tribos durante o século XIX, implica em auto-sacrifício - e não no sofrimento dos outros seres - é reconhecido como o centro do seu sistema religioso. Esta tribo considera como deusa principal a "Avó da Luz", cuja função foi repartida depois entre "A Mulher Aranha" e a "Mulher do Sol". No mito se conta que foi a "Avó Aranha" que trouxe a luz para a humanidade, pois no início da criação reinava a escuridão e o sol estava do outro lado do mundo. Ela preparou uma vasilha de barro e a rolou na direção do sol, usando as suas oito patas e marcando o caminho do oeste para leste com um fio tecido por ela. Gentilmente, ao chegar à morada do sol, pegou o disco solar, colocou-o na vasilha e a rolou de volta para casa seguindo o



mesmo fio, desta vez do leste para oeste. Para os povos dos pueblos A Mulher Aranha é tão reverenciada, que o seu nome não é pronunciado em voz alta e nunca é representada por ninguém nas cerimônias hopis. Eles acreditam que ela criou tudo através dos seus pensamentos e sua voz pode ser ouvida no sopro do vento, se a pessoa sabe com a quietar os pensamentos para ouvi-la.

No mito da tribo coctaw de Tennessee e Mississipi, quando os seres humanos emergiram do mundo subterrâneo eles

eram envoltos em casulos, seus olhos fechados e os membros colados ao corpo. O Grande Espírito teve pena deles e enviou seus auxiliares para retirá-los dos casulos e abrir seus olhos. Mesmo assim, eles não podiam ver nada, pois ao seu redor reinava a escuridão, não havia fogo, nem sol, nem lua, nem estrelas; as pessoas comiam tudo cru e eles sentiam muito frio e tristeza. Permeados pela escuridão, as tribos humanas, os animais e os pássaros se reuniram em um pow-wow para encontrar uma solução. Um pássaro avisou que nas terras do leste havia fogo, fazia calor e luz e que eles deviam pedir isso para eles. Mas outras vozes disseram que os povos do leste eram avarentos e não iriam partilhar suas

posses, por isso alguém deveria ir lá e roubar o fogo. Alguns animais como o gambá, o urubu e o corvo se ofereceram e tentaram roubar pedaços de lenha incandescente, mas queimaram as penas e o pelo por desconhecer o poder do fogo. A fumaça das suas queimaduras assinalou aos povos do leste sobre o roubo e eles os perseguiram e tiraram as brasas roubadas. Nesta situação crítica, a Avó Aranha se ofereceu para ajudar, mas ninguém acreditou que ela fosse capaz desta proeza. Mesmo assim, ela decidiu tentar e usando de toda a sua sabedoria e astúcia modelou com barro um pote com tampa, teceu um fio até o leste, onde, sem ser notada por ninguém, pegou a brasa, guardou-a no pote e seguindo o mesmo fio voltou para a reunião. Ela ensinou como manter o fogo aceso alimentando-o com pedaços de madeira para não se queimarem, cercá-lo com pedras para ele não “correr” e queimar suas casas e usá-lo para cozinhar, se aquecer e dançar em volta dele, enquanto as mulheres iriam cuidar dele com orações e oferendas.

A Mulher-Aranha possui todo o conhecimento e está em toda a parte; da mesma forma em que ela cantou e se movimentou para tecer a sua intrincada teia, os xamãs usam cantos e danças para induzir estados transcendentais da mente. Nenhuma outra cultura é tão alinhada e próxima da terra como a dos nativos norte-americanos. Pela sua associação com a terra, na qual ela vive, A Mulher-Aranha tem as características de uma Deusa da Terra. É velha como o tempo e jovem como a eternidade considerada “A Mãe de Tudo”, que deu vida ao mundo, criando plantas, animais e, finalmente, os seres humanos, sendo a Grande Tecelã, Criadora da teia da vida. Ao misturar a terra com sua saliva ela criou todos os seres da Terra e trouxe o fogo para eles. Com seus fios ligou as quatro direções, assim como também ligou a cabeça dos homens (chakra coronário) a si mesma, tecendo a teia do amor e sabedoria universal. Pode aparecer como uma jovem, uma velha, ou mesmo uma aranha, sendo visível ou tornar-se leve e invisível como o ar. Ela possui poderes divinos e sabedoria ilimitada, sabe todas as linguagens e possui dons proféticos, aparecendo nas histórias e lendas para ensinar os homens como sobreviver. Ao mesmo tempo em que a Mulher Aranha é Criadora, Ela também tem a sua face Ceifadora, tendo o poder de destruir para renovar.

Na mitologia asteca as aranhas representavam as almas das



mulheres guerreiras, arquétipos remanescentes do matriarcado pré-asteca, semelhantes às Amazonas. No fim do mundo, elas iam descer do céu nos seus fios prateados e matar todos os homens, como se fossem Valquírias vingativas de oito pernas. Apesar disso, a Mulher Aranha é uma figura em grande parte benévola. Ela aparece nas lendas de muitas culturas indígenas americanas e devido à reverência dos nativos americanos a todas as formas de vida e a ocorrência abrangente dessa figura arquetípica, a maioria dos índios é criada aprendendo a respeitar aranhas, e não matá-las.

Na região sudoeste dos Estados Unidos imagens de aranhas representam a Mãe Terra; nas vasilhas de barro da tribo Mimbres, datadas de 950-1150 d.C e confeccionadas por mulheres, as decorações são em forma de aranhas tendo motivos triangulares nas costas. Foram achadas gravações sobre conchas com losangos, desenhos ondulantes e lineares, bem como círculos concêntricos alternando com desenhos de aranhas, ao redor de uma forma uterina que representa a Mulher Aranha.

A teia é um arquétipo poderoso que sintetiza a nossa conexão com todo o Universo; todos nós estamos fazendo parte da Grande Teia Universal e por isso nossas ações e atitudes influenciam o Todo. Nos conceitos metafísicos, a vida é vista como uma grande teia em que cada ser humano é um dos seus fios. Na sua incessante atividade de tecer, pegar insetos e matar, as aranhas simbolizam a eterna alternância de forças que asseguram a estabilidade do cosmos, sendo intermediárias entre o céu e a terra, no seu trabalho de fiar, capturar, desfazer e renovar a teia. Por isso Jung considera a aranha como símbolo do Self, a parte da personalidade que inclui e integra tanto o consciente quanto o inconsciente, o claro e o escuro, a luz e a sombra, a vida e a morte.

No nosso mundo atual a Mulher Aranha se faz presente na visão ecológica da grande teia cósmica e telúrica, à qual todos os seres são ligados e entre eles interconectados por fios de energia. Como um arquétipo sobrenatural e divino, A Mulher Aranha pode ser invocada para auxiliar com a sua arte mágica de Grande Tecelã e Guardiã dos recursos da terra, para tecer soluções e meios para as nossas necessidades básicas de sobrevivência. Independentemente dos desafios que enfrentamos, a Mulher Aranha pode criar a teia certa de energias para auxiliar e proteger a nossa jornada. Ela pode nos revelar o poder e o propósito de cada fio e da sua ação e repercussão no plano material, mostrando também seu entrelaçamento com os outros fios ao nosso redor. É sempre bom lembrarmos as comoventes e famosas palavras do Chefe Seattle em sua memorável carta escrita em 1852 ao Presidente dos Estados Unidos.

*“Somos parte da Terra e Ela é parte de nós. A Terra não pertence ao homem, o homem é que pertence à Terra. Todas as coisas são interligadas, assim como o sangue nos une a todos. O homem não teceu a teia da vida, é apenas um de seus fios. O que quer que ele faça à teia, fará a si mesmo.”*





Mãe Terra

por Helena Maltez\*

# Plantio no Manejo do Jardim Agroflorestal

Agora, com o jardim crescido, ocupado, em movimento, o dia a dia é feito de manejo. A tarefa é observar e atender às suas necessidades. A direção está definida. Ambos queremos cada vez mais abundância, água, frutas, beleza. Manejo significa podar, molhar, colher e... plantar. Plantar faz parte do manejo.

Sementes e mudas surgem em minhas mãos de diferentes maneiras. Ganho muitas de presente dos que me sabem jardineira. Se tem uma coisa que gosto de ganhar de presente é semente e muda! Não só ganhar como dar. Candelabros também (hihihi).

Tem também as sementes colhidas no meu próprio jardim. As mudas que faço por aqui mesmo com essas sementes. A magia da multiplicação é real, todos os dias, diante dos meus olhos. Há dois anos, plantei algumas sementes de algodão arbóreo em diferentes pontos do jardim. Uma delas germinou, cresceu e dela essa semana colhi centenas de sementes. Quando penso que cada uma dessas sementes daqui a dois anos produzirá centenas de outras que, juntas se tornarão milhares... Aqui produzo anualmente centenas de caroços de abacate e manga, milhares de sementes de pitanga, limão, jabuticaba, maracujá, goiaba, ipê roxo, ipê de jardim... e por aí vai... Um jardim é capaz de povoar anualmente centenas de jardins. Um assombro. Penso que para conseguirmos impedir isso e, ao contrário, no caminho invertido, termos cada vez menos jardins no mundo, devemos gastar uma tremenda de uma energia... haja esforço para impedir que a vida venha!

Também há as sementes dos legumes e frutas que compramos para comer. Todos os restos de vegetais, todo resíduo orgânico, tudo o que puder virar comida para meus bichinhos do solo vão para o jardim. Aproveito a hora do manejo para colocar os resíduos orgânicos no pé de alguma planta, cubro com bastante material de poda e pronto. No meio desse "resíduo", vão as sementes do que comemos. Por isso, surgem maracujás e mamões e limões e graviolas por todo o



jardim. Acaba que quando o nosso resíduo orgânico vai para o quintal, automaticamente estou plantando tudo o que gosto de comer.

E, finalmente, tem a coleta de sementes de árvores. Junto com amigos, saímos pela cidade em busca de árvores com sementes querendo se espalhar pelo mundo. Que delícia encher sacos das sementes que plantaremos nas áreas novas de agroflorestal no início das chuvas! Mas, antes do plantio, ainda tem as feiras de troca de sementes, momentos de celebração, doação, recebimento e diversificação de sementes, de ideias, de amizades.

Assim, durante todo o ano, o jardim recebe sementes e mudas. Além das que vão com o lixo orgânico quase que diariamente e daquelas que eu planto por todo lugar intencionalmente na época das chuvas, ainda conto com a ajuda dos inúmeros seres que trazem e plantam sementes no meu jardim. Aves diversas, morcegos, lagartos, ventos e ventanias... sabe-se lá quem anda trazendo semente para cá. O fato é que de vez em quando sou surpreendida com a presença de novos moradores, às vezes desconhecidos. E vou deixando que cresçam porque as plantas que vêm assim, quase que sozinhas, são as que ficam mais belas e as que mais me ensinam onde são os melhores lugares para se plantar.



# Mulheres no Poder

*A partir da descoberta de uma múmia no norte do Peru, arqueólogos reconstróem a história da sociedade andina Moche, governada por sacerdotisas que comandavam sacrifícios de guerreiros e eram tratadas com honrarias.*

por Sofia Moutinho, publicação em 12/08/2013 no site Ciência Hoje On Line

Estudos da Dama de Cao sugerem que existiram entre os moches mulheres com posição de destaque político e religioso. Arqueólogos acreditam que a jovem mumificada era uma sacerdotisa poderosa que sacrificava homens.

Quando pensamos em sociedades antigas, é comum imaginarmos o homem no papel de governante e líder espiritual. Mas nem toda civilização foi assim. Um exemplo peculiar é o povo Moche, que habitou o norte da costa do Peru de 100 A.C. a 550 A.D. De acordo com a arqueóloga Sonia Guillén, que participou semana passada do 8º Congresso Mundial de Estudos em Múmias, no Museu Nacional, no Rio de Janeiro, parte dos povoados dessa cultura era governada por mulheres que assumiam tarefas comumente desempenhadas por homens, como o sacrifício ritual.

A constatação foi feita a partir da descoberta da múmia de uma jovem em torno dos 25 anos, enterrada com honraria no complexo arqueológico de El Brujo, na cidade Magdalena de Cao. Conhecida como a Dama de Cao, ela foi encontrada em 2006 em uma tumba no pátio de um templo em ruínas. No sepultamento, foram recuperados diversos vasos de cerâmica contendo resquícios de comida, joias de ouro, pedras preciosas e objetos nunca vistos antes no enterro de uma mulher andina, como punhais, lanças e ferramentas usadas em sacrifícios humanos.

“Esses objetos mostram o quão importante era essa jovem e que ela ocupava um lugar de poder político e bélico”



“Esses objetos mostram o quão importante era essa jovem e que ela ocupava um lugar de poder político e bélico”, diz Guillén, que não participou das escavações, mas hoje trabalha com o arqueólogo responsável pela descoberta, Régulo Franco Jordán.

A pesquisadora conta que o colega descobriu a múmia depois de participar de um ritual religioso andino e sonhar que deveria escavar em um local não programado – exatamente onde a tumba foi encontrada. “A religião andina ainda é muito forte no Peru”, diz. “Não é algo que se comente, mas muitos arqueólogos pedem permissão aos



deuses antes de escavar um local sagrado e contam com esses métodos altamente 'científicos', mas que às vezes dão certo.”

Junto da múmia, que data de 400 A.D., foram encontrados ainda murais com desenhos de mulheres sacrificando homens com aparência de guerreiros. Os artefatos levaram os arqueólogos a crer que na sociedade Moche, que habitou Magdalena de Cao, as mulheres ocupassem o papel de sacerdotisas e governantes. “Foi uma surpresa porque até o momento só tínhamos visto homens representados como guerreiros e figuras de poder na iconografia andina”, comenta Guillén.

A múmia da jovem andina está exposta no Museu de Cao, perto de onde foi encontrada, e continua sendo objeto de estudo. Sobre seu corpo, os pesquisadores encontraram uma camada de sulfato de mercúrio, que deve ter sido usado propositalmente para mumificação.

As especulações recentes dizem respeito à causa de sua morte. A explicação mais aceita é de que ela teria morrido ao dar à luz uma criança. “A múmia não tem mais os órgãos internos, mas sua pele está muito bem preservada”, diz Guillén. “Além de tatuagens com motivos geométricos e animais, podemos ver que a região do abdômen apresenta um acúmulo de pele flácida, que pode ser indicativo de um parto recente.”

“A sociedade que viveu ali é incrível, altamente complexa, e precisamos de mais base para compreendê-la”

Desde a escavação da Dama de Cao, os arqueólogos já recuperaram outras múmias de mulheres que pareciam ter posição de prestígio. Algumas delas dividiam a tumba com homens e crianças que foram enterrados em diferentes momentos.

Para Guillén, o complexo de El Brujo ainda guarda muitos segredos. “A sociedade que viveu ali é incrível, altamente complexa, e precisamos de mais base para compreendê-la”, diz. “Ainda há muito a descobrir por lá e torço para que isso

# As Matriarcas das 13 Lunações\*

Nesta Edição do Deusa Viva trazemos a canção "Alma Terapia", de Mônica Fonseca\*\*, dedicada à Matriarca da Oitava Lunação: Mãe Guardiã das plantas e raízes. Aquela que cura.

## Alma Terapia

Voa, voa alegria  
Vida em flor  
Luz do dia  
Água e sol  
Banho de rio  
Alma lavada  
Alma terapia

A paz está aqui  
A paz está dentro de mim

A estrela dança luz  
O caminho é brilhar  
Movimento  
Equilíbrio  
Ser inteiro  
Se curar



\* Para saber mais sobre a Lenda das 13 Matriarcas, consulte os livros "Círculos Sagrados para Mulheres Contemporâneas" e "Anuário da Grande Mãe", ambos de Mirella Faur.

\*\*O CD "Treze Luas" pode ser adquirido na entrada dos rituais da Teia de Thea, na UNIPAZ, ou com a própria artista pelo telefone (61) 9602.7126.



Posta-restante  
por Maria Amaziles

Maria,

Nesses últimos dias você se dedicou a reavaliar seus guardados e confrontar necessidades reais, liberando o que não faz mais sentido. Num exercício claro de tecer o próprio caminho, você desatou nós e liberou algumas pontas em águas curadoras, despindo-se um pouco mais da limitação de manter uma imagem, e enamorada com a coerência que vem pontuando suas novas escolhas. São exercícios de tecelã, filha do meu coração!

Assim, antes que os velhos fios dobrem a curva do rio, uma nova teia começa a se desenhar em sua vida, com o vigor e o entusiasmo forçados na verdade. É aquela mulher, que tropeçava em palavras para defender os próprios ideais, vai se postando diante do próprio caldeirão com a dignidade das que se sabem merecedoras e a alegria dos que buscam compartilhar sonho e pão.

Cada vez que uma criatura encontra seu lugar e nele permanece, o Universo inteiro faz festa! Mas há algo mais a considerar, meditando nessa teia de luz. Considere, minha Maria, que a teia que você percebe lá fora, também se encontra dentro de você. É fundamental que você descubra e, descobrindo, se aproprie da verdade de que existe uma teia de vida que permeia cada criatura, reverberando plenamente o meu amor. Portanto, perceba-se completa, perfeita. Não há o que acrescentar em você, mesmo que seja por intermédio de uma relação de amor. O trabalho é permitir-se expressar a força e a beleza dessa teia que você integra, ressoando em sua vida o que de sagrado existe.

Finalmente, cultive a gratidão pelos fios que se vão, reconhecendo-lhes o sentido. Essa é a base onde novos fios se tecem. Essa é a seiva da liberdade de seguir adiante!

Em força e alegria,

Aquela que é.

